

A leitura literária: “a que será que se destina?”

(Dossiê)

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”, anuncia-nos Clarice Lispector em seu último e fulgurante romance, *A hora da estrela*, obra a que se destina uma questão a tratar da literatura e sua profunda conexão com as margens da vida. Sim: grave questão e também tão ligeira. “Explosão”, como diria Lispector, a nos endereçar, vigorosa e irremediavelmente, a uma indagação que, sem única resposta ou direção, vem trazer-nos, com a força de uma decisão, ao sim que dizemos de um a um, de um a outro e ao que há de vir. A chamada para o dossiê *Leitura literária: “a que será que se destina?”*¹ irrompe, pois, do desejo de uma afirmação: longe de pretendermos uma definição, buscamos aqui, ao contrário, abrir nascimentos, questionar, desviar, derivar, destecer destinos. Encruzilhada e abertura movidas, num primeiro momento, por cada sim que recebemos de nossos autores quando aceitaram participar deste dossiê contribuindo com reflexão tão diversa. Afinal, destinar ou não a leitura literária a alguma rota sensível ou epistemológica em meio à expansão midiática e tecnológica que hoje presenciamos é tarefa que não avança sem a reafirmação constante daqueles que insistem em acolher surgimentos. Pois transitar por caminhos por vezes longínquos, difusos e nem sempre apaziguadores é reconhecer, nestas margens, como o fez Clarice, diferentes modos de existência e singularidades que emergem intempestivas. Nossos agradecimentos a todos aqueles que, instigados por esta difícil mas prazerosa reflexão, e sobretudo nestes tempos de negações esvaziadas de devir, conosco disseram sim à possibilidade de outras leituras, margens móveis e descerrados destinos.

A chamada para este dossiê sobre os destinos da leitura literária provoca, pois, o leitor a pensar no sentido que damos às práticas sociais de leitura, as quais, como todas as práticas discursivas, estão profundamente imbricadas às dinâmicas sociais e culturais e, portanto, estão em constante (re)configuração. Provoca a pensar, nessa esteira, nas (re)construções de noções como leitura literária, literatura e outras no âmbito de tal escopo. Instiga-nos a pensar, especialmente, nessa leitura do texto literário na escola e, portanto, no trabalho de professores de língua e literatura e no papel formativo que pode ter e tem a leitura literária em nossos

¹ Referência à canção de Caetano Veloso, “Cajuína”, do álbum *Cinema Transcendental* (1979).

tempos. A indagação é sobre *o que significa, em toda a gama de possibilidades de leitura, a leitura do texto literário?*

Como dizem Graça Paulino e Ivete Walty (2005), a percepção do texto literário como um “espaço de encenação do próprio processo enunciativo, exige que o leitor participe mais ativamente da construção de sentidos”. Esses gêneros textuais-discursivos, ao proporem essa espécie de pacto subjacente à forma de ler, atuam, portanto, de forma singular sobre a biblioteca interna, o repertório do leitor, o conhecimento (com)partilhado. E assim vai-se modificando esse edifício de sentidos sobre o qual vamos nos construindo leitores, renascendo a cada leitura, no mosaico identitário que é cada um de nós. Reafirmando, portanto, dizeres já presentes na chamada, acreditamos que “se a teoria e a crítica tivessem maior penetração na sala de aula e nos cursos de formação de professores, a voz do aluno no ato de recepção textual não seria recalçada pelos roteiros de interpretação” (DALVI, 2013, p. 126).

A pergunta feita – a que pode se destinar a leitura literária? – não pode prescindir da reflexão para a qual alguns teóricos têm chamado nossa atenção. Como Marcos Natali (2020), ao indagar a responsabilidade da instituição literária na relação que estabelece com a tradição cultural e o liberalismo que fomenta a modernidade, esta que por sua vez se afirma a partir da doutrina do progresso e de mecanismos falseadores da inclusão. As respostas à chamada, ou seja, os textos que compõem este dossiê, configuram um rol que toca, de alguma forma, em várias dessas questões que nos incitam e nos desafiam quando nos indagamos sobre as finalidades da leitura literária.

O primeiro texto – O poema e a construção do leitor-literário no livro didático do 4º ano do Ensino Fundamental I – de Magda Dezotti e Ana Vitória Faria Azevedo, ao abordar o trabalho com a literatura no ensino básico, enfocando o uso de poemas, constrói uma crítica fundamentada a respeito das possibilidades de leitura literária na escola, em relação, especialmente, ao livro didático. Esse material, que ganha a pecha de mocinho e de bandido, porque pode servir tanto ampliar como limitar o trabalho pedagógico, precisa mesmo de constante atenção e análise. Na pesquisa relatada neste texto, buscou-se analisar se existe o emprego de poemas e como são empregados em um livro didático direcionado ao 4º ano do Ensino Fundamental I, atualizado conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sendo um dos objetivos da análise compreender se o material incentiva a construção do leitor-literário em se tratando de poesia no ano correspondente, a constatação é de que há avanços e permanências.

O texto *Uma análise das Caixas de Leitura do Programa Nacional da Alfabetização na Idade Certa em relação ao tema das questões étnico-raciais*, recorte da dissertação de mestrado de Katia Cilene da Costa, evidencia o trabalho com obras literárias nas salas dos anos iniciais do ensino fundamental. A análise de obras literárias selecionadas das Caixas de Leitura do Pnaic (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) permite à autora chamar a atenção para a tímida presença de obras que abordam temáticas étnico-raciais e para a necessária e fundamental atenção que devem ter as políticas que visem à efetivação da legislação que promove a igualdade étnico-racial no país.

O dossiê nos brinda com a entrevista feita pelo professor Josué Borges de Araújo Godinho, um dos organizadores, com Alex Sander Luiz Campos, Sabrina da Silva de Oliveira e Daiana Silva de Andrade – três profissionais vinculados ao Instituto Federal do Norte de Minas, Campus de Salinas, dando a conhecer, ao leitor, narrativas de vida e de trabalho inspiradoras, de formação de leitores e de cidadãos. É o tipo de leitura balsâmica, pois verdadeiro tônico fortalecedor de nossas, por vezes, desgastadas vontades. Os cinco projetos destacados na entrevista – Conexão Biblio, A hora do conto, Grandes mulheres do IF, Clube de Leitura IFNMG/Salinas e Contin(gente) poético – alguns deles desenvolvidos em meio aos desafios impostos pela pandemia, ilustram a importância da biblioteca para a comunidade escolar e para a sociedade.

A importância da leitura literária em redutos, materiais ou teórico-conceituais, onde prolifera a potencialidade sensível e interpretativa do leitor é também abordada, instigante e autenticamente, no artigo de Gerciano Maciel intitulado *O pacto autobiográfico: ou aproximar a leitura literária da vida*. No texto, o autor reflete sobre formas de “contaminação” entre o ficcional, a teoria e o documental-biográfico dadas por um “pacto” que, na esteira transdisciplinar e política dos estudos culturais, torna indispensável a inserção do leitor na complexa dinâmica arte e vida. Assim, pondo em xeque a pureza dos gêneros, Gerciano nos convida a considerar, para além de uma apreciação meramente estética, aproximações éticas em torno da literatura e as tendências discursivas que esta faz circular.

Com Luan dos Santos Silva e seu artigo *Remontar o silêncio: Paisagem com dromedário de Carola Saavedra e Supertramp* damos sequência a formas éticas de leitura em torno do literário e seu ruidoso silêncio. Não por acaso, é por meio das canções de Supertramp e da obra de Saavedra, que o autor do artigo busca, num movimento de aparente contradição,

captar as nuances do silêncio ao “dizer coisas similares de formas diferentes como um processo de diálogo entre as artes”. É assim que as imagens e os sons suscitados pela canção e pela literatura se esbatem criando ritmos da memória que atualizam itinerários de afeto, subvertendo hierarquias. O “som da ausência” adquire espessura de imagem, letra ou voz remontado em texto ensaístico que nos faz espectadores de uma leitura musical permeada de aparições imprevistas.

Buscando também contaminações e diálogo entre as artes, o artigo *Multicolorismo e intertextualidade em O grande mentecapto, de Fernando Sabino*, de Gustavo Rocha Ferreira e Silva, traz múltiplos tons às andanças do protagonista do romance, Viramundo, percebidos segundo as sensações tingidas no leitor quando este percorre o livro. Trágicas ou cômicas, estas cores iluminam a interlocução da obra de Sabino com outras de nosso repertório cultural, apresentando o texto literário como uma paisagem interceptada por veredas multicolores pelas quais podemos chegar a outros textos, novas localidades, ampliando formas de descoberta dos afetos e de um mais vasto mundo.

Formas de interação com o mundo pelo texto literário são também tópicos do artigo *A construção da identidade por meio da literatura*, de Marcel Franco da Silva. No artigo, o autor busca demonstrar a importância do texto literário para o leitor em formação, ressaltando na identificação do aprendiz infantojuvenil com as personagens literárias, nos dramas e aventuras que estas vivem, uma maneira potente de elaboração de sentimentos e ações complexos. Chamando a atenção para novos suportes e linguagens textuais, através de novas mídias, o autor tem em mente a primazia da palavra e a adaptação didática aos novos meios como um recurso profícuo, na atualidade, ao contato do leitor em formação com a literatura e sua pedagogia implícita.

Paulo Roberto Barreto Caetano nos apresenta o livro *Quando deixamos de entender o mundo*, de Benjamin Labatu, na resenha “Do ensaísmo biográfico à prosa científica: resenha de Quando deixamos de entender o mundo, de Benjamín Labatut”. O livro apresentado por Paulo Caetano se destaca pelo seu caráter transdisciplinar, transdiscursivo, afirma o resenhista: “O leitor de *Quando deixamos de entender o mundo* [...] vai ter em mãos um texto que faz encontrar Química, Filosofia e Estudos Literários”. Com exímio manejo do gênero, o resenhista nos mostra um livro em que diferentes formas de escrita se juntam em um tom que pode, por princípio, ser aquele da literatura, sobretudo pela voz enunciativa que ao narrar, descreve, conta,

fabula em direção a importantes figuras da ciência. Na resenha “Vozes negras na literatura: o alcance do feminino diaspórico em *Cartas a uma negra*”, Isabella Lameira Martins põe em cena o diálogo fictício entre Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega. Nesta resenha, o que se pode destacar é ainda a potência de uma leitura literária, posto que se considera aqui um texto, *Quarto de despejo*, de Carolina, na interseção entre a literatura e a realidade, o ficcional e o relato da experiência e na sua possibilidade de fomentar leituras outras em contextos outros, mas tão semelhantes ao da escrita e escritora.

Por se tratar de um dossiê sobre leitura literária, optamos por abrir, para este número, uma seção de poéticas. Isso se dá por entendermos a importância, em um dossiê com este teor, de se ler de fato o texto literário, bem como da criação de fontes primárias de pesquisa.

A seção poética vem com uma dupla de Rafaéis, um, Rafael Lovisi Prado, brinda este dossiê com uma coletânea de poemas intitulada “A ver mundos ainda”, que é também o título do show da banda de poesia POEMÁTRIO, atualmente em circulação na capital mineira; ou outro, Rafael Fava Belúzio, cronista de mancheia, traz uma interessante crônica sobre aquilo que ele nomeia em outros textos por carangolidade, posto que é cidadão carangolense, radicado na capital, e traz a crônica “Efemérides de Sete de Setembro: a cidade e os militares”.

Tenham todas, todos, todes uma boa sessão de leitura, desfrutem dos textos que têm em mãos. Um forte abraço.

Ana Paula Martins Corrêa Bovo – Letras – UEMG Passos
Fernanda Gontijo de Araújo Abreu – Letras – UEMG Ibité
Josué Borges de Araújo Godinho – Letras – UEMG Carangola